

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
COORDENAÇÃO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ISABELLA CRISTINE AMORIM CAMPOS

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões sobre a formação
docente**

Codó - MA
2022

ISABELLA CRISTINE AMORIM CAMPOS

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: reflexões sobre a formação
docente**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como requisito para obtenção de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Elisângela Santos de Amorim

Codó

2022

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Amorim Campos, Isabella Cristine.

Relações de gênero na educação infantil: reflexões
sobre a formação docente / Isabella Cristine Amorim
Campos. - 2022.

45 p.

Orientador(a): Elisângela Santos de Amorim.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2022.

1. Educação Infantil. 2. Formação de professoras. 3.
Relações de gênero. I. Santos de Amorim, Elisângela. II.
Título.

ISABELLA CRISTINE AMORIM CAMPOS

**RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciências de Codó, como requisito para obtenção de grau em Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 22 de dezembro de 2022

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dra. Elisângela Santos de Amorim - UFMA
(Orientadora)

Profa. Ma. Lucinete Fernandes Vilanova – UFMA
(Membro)

Profa. Dr. Cristiane Dias Martins da Costa – UFMA
(Membro)

Codó
2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente começo agradecendo a Deus pela força, discernimento e determinação de ter chegado até aqui e realizar o meu grande sonho, pois sem Ele, a minha caminhada até aqui não seria possível. Tudo é por Ele e com Ele. Toda honra e glória a Deus.

Agradeço a minha mãe Silvanira Campos, por todo apoio incondicional em toda a minha trajetória. Sempre muito dedicada a me estender a mão, incentivando cada sonho, cada projeto de vida e me fortalecendo para que eu jamais desistisse de meus objetivos. Essa conquista é minha e sua também mãe. Agradeço a você por todo amor e carinho, por cada empenho seu em poder ver sua filha concluindo uma etapa tão importante que é a conclusão de uma graduação. Obrigada de todo coração por você existir e estar ao meu lado nessa conquista tão esperada e sonhada.

Agradeço ao meu companheiro de vida João Neves, que acompanhou de perto todo o meu trajeto até aqui, pelas palavras de incentivo, amor e carinho. Pois sempre que eu estava desacreditada, pensando em desistir, ele estava ao meu lado, dando forças e fazendo de tudo para que eu continuasse de cabeça erguida. A você meu amor, toda a minha gratidão por sempre ter me ajudado quando precisei, por ser esse amigo que me fortaleceu durante todo o percurso.

A minha gratidão também a minha orientadora, Profa. Dra. Elisângela Santos de Amorim por toda a paciência, dedicação e empenho, pelo trabalho primoroso que desempenha com tanto amor e muita dedicação, sem você não seria possível chegar até aqui. Gratidão por me aceitar como orientanda e ter me acompanhado de forma tão carinhosa e atenciosa. Você é essa pessoa extremamente competente que terá sempre a minha admiração e gratidão. A você minha orientadora, toda a minha gratidão e respeito pela profissional excepcional que é.

Agradeço também aos meus familiares que de forma indireta contribuíram para que conseguisse realizar meu sonho. A minha irmã Daniella e meu irmão Geovany, aos meus sobrinhos Brayan e Icaro que representam para mim um amor incondicional. As minhas primas Marília e Mirele que também foram fundamentais para que eu conseguisse chegar até aqui. Aos meus tios Waldeci, Jovina e Raimunda, obrigada por toda ajuda e carinho que sempre dedicaram a mim.

Agradeço aos meus professores da Universidade Federal do Maranhão e também a coordenação do curso de pedagogia, por toda dedicação e incentivo. Pessoas que desenvolvem um trabalho humanizado e competente, apoiando e incentivando cada aluno. Gratidão pelos excelentes profissionais que são.

Agradeço a Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, por ter ingressado na instituição que tem os melhores profissionais e busca sempre a qualidade no ensino, possibilitando uma formação ímpar para cada discente.

Agradeço também a Escola Municipal Governador Eugênio Barros, por ter me oportunizado a realização do trabalho de campo. Agradeço a todas e todos da escola por terem me acolhido para que fosse possível a realização deste trabalho de campo.

Agradeço a Banca examinadora por colaborar com suas possíveis colocações, sendo bem vindas a fim de melhorar o trabalho.

Agradeço a minha pessoa por ser determinada e não ter desistido apesar de todos os obstáculos que se fizeram presentes na minha trajetória. Por fim, agradeço a todas e todos mencionados aqui.

RESUMO

As relações de gênero é algo que está muito presente no ambiente escolar, por isso torna-se primordial que professoras tenham uma formação que contemple as relações de gênero, visto que no ambiente da sala de aula essas relações acontecem de forma ampla e diversificada, já que nesse meio as crianças já vem apropriadas das mais variadas culturas. É também o local onde as crianças afluem os costumes, por meio das brincadeiras, brinquedos e na interação com o outro. Sendo assim, as professoras e a escola devem estar preparadas para receber e preparar atividades que desenvolvam essas relações de gênero de maneira igualitária. Nesse sentido, o presente trabalho, teve como objetivo geral investigar, como as temáticas relativas às questões de gênero perpassaram na formação inicial das professoras da educação infantil e em que medida contribuíram para uma educação igualitária na educação infantil. A investigação teve como abordagem de pesquisa qualitativa, organizada em dois momentos, a fundamentação teórica e a pesquisa de campo. Foram realizadas observações em sala e aplicação de um questionário. Sendo assim a pesquisa evidenciou que os docentes compreendem a importância de se trabalhar as relações de gênero, porém a grande maioria não tem formação nessa temática e acabam ficando inseguros e até mesmo perpetuando estereótipos em suas falas, por não estarem preparados para desenvolver um trabalho nesse sentido.

Palavras-Chaves: Relações de gênero, formação de professoras, educação infantil.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Educação infantil.....	26
Figura 02 - Imagem da sala de aula no momento do recreio.....	28
Figura 03 - Momento do recreio.....	29
Figura 04 - Meninas brincando.....	30
Figura 05 - Bolsas das crianças.....	40

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 - Perfil das professoras participantes do questionário	32
Quadro 2 - Questionário com as repostas das professoras.....	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE E AS RELAÇÕES DE GÊNERO.....	14
2.1	A importância dos feminismos na formação docente.....	20
3	OLHAR DAS PROFESSORAS PARA A TEMÁTICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO.....	25
3.1	Os caminhos metodológicos da pesquisa.....	25
3.2	Intervenções das professoras nas relações das crianças nos momentos das brincadeiras.....	27
3.3	Dificuldades percebidas pelas professoras para o desenvolvimento de trabalhos que contemplem as relações de gênero.....	31
3.4	Vivência das crianças com as relações de gênero no cotidiano escolar.....	39
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊNDICE A - Autorização.....	44
	APÊNDICE B - Questionário.....	45

1 INTRODUÇÃO

A relação de gênero na educação infantil é construída por meio das interações, que podem ou não se fortalecer no decorrer da vida escolar. Para isso é preciso que professoras e alunos se sintam confiantes diante das diversas situações ocorridas no ambiente escolar. Diante disto faz-se necessário que a professora tenha uma formação para compreender como as relações de gênero estão imbricadas nessas relações. “[...] Torna-se imperioso pensar como as relações sociais de gênero são processadas no contexto desta educação, isto é, de que maneira os modelos de ser homem ou ser mulher são inscritos nos corpos e na educação das crianças” (GIACHINI; LEÃO, 2016, p.1411).

A escola é o ambiente no qual as crianças podem passar a maior parte do tempo em contato com outras crianças e adultos. É nessa relação ímpar que o protagonismo da criança ganha destaque é que a potencialidade do convívio, em suas diversas formas de relações pode propiciar uma nova interação. Trata-se de um universo com características próprias, voltadas para crianças pequenas (VIANA; FINCO, 2008, p.270).

Ainda segundo as autoras:

O direito à uma educação infantil de qualidade inclui a discussão das questões de gênero. As relações das crianças na educação infantil apresentam-se como uma das formas de introdução de meninos e meninas na vida social, principalmente porque oferecem a oportunidade de estar em contato com crianças oriundas de diversas classes sociais, religiões e etnias com valores e comportamentos também diferenciados. (VIANA; FINCO, 2008, p.271)

É neste sentido, que se busca desde o início da vida escolar desses meninos e meninas estabelecer relações que possam oportunizar um convívio de respeito e inclusão das diferenças tanto no contexto social quanto cultural, já que sabemos que as crianças já trazem consigo conhecimento e vivências do seu contexto familiar.

Cabe as professoras estabelecer essas relações de gênero de maneira leve e saudável de forma que possa acolher cada indivíduo dentro do seu contexto cultural.

De acordo com Giachini e Leão (2016) “[...] a definição de gênero como tradução de sistemas culturais é sustentada por um grupo de teóricos, engajados em defender que homens e mulheres vivem em mundos separados” (GIACHINI; LEÃO, 2016, p.1412).

No entanto Scott (1989) diz que,

Gênero, como substituto de “mulheres”, é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre homens, que um implica no estudo do outro. O mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens (SCOTT, 1989, p.7).

Ainda segundo a autora,

Esse uso rejeita a validade interpretativa da ideia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres de forma separada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo (SCOTT, 1989, p.7).

Nesta perspectiva o estudo de gênero está relacionado diretamente com as relações meninas, meninos, mulheres e homens. Como bem afirma Vianna e Finco (2008),

A experiência de meninas e meninos na educação infantil pode ser considerada como um rito de passagem contemporâneo que antecipa a escolarização por meio da qual se produzem habilidades. O minucioso processo de feminilização e masculinização dos corpos, presente no controle dos sentimentos, no movimento corporal, no desenvolvimento das habilidades e dos modelos cognitivos de meninos e meninas está relacionado à força das expectativas que nossa sociedade e nossa cultura carregam. Esse processo reflete-se nos tipos de brinquedos que lhes são permitidos e disponibilizados: para que as crianças “aprendam”, de maneira muito prazerosa e mascarada, a comportar-se como “verdadeiros” meninos e meninas. (VIANA; FINCO, 2008. p.272,273)

Deste modo, meninas e meninos são cada vez mais moldados, e quando acontecem situações onde este comportamento esperado pela sociedade, tanto de meninas quanto de meninos transgridam, acontece uma ruptura no processo e desconstrução social e cultural das relações pré-estabelecidas e impostas a uma determinada sociedade.

Neste sentido, Scott (1989) nos afirma que:

São os processos políticos que vão determinar o resultado de quem vencerá – político no sentido de que vários atores e várias significações se enfrentam para conseguir o controle. A natureza desse processo, dos atores e das ações, só pode ser determinada especificamente se situada no espaço e no tempo. Só podemos escrever a história desse processo se reconhecermos que “homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não tem nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque mesmo quando parecem fixadas, elas contém ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas (SCOTT, 1989, p. 28).

Portanto, as relações de gênero são construídas de acordo com as relações sociais definidas, sendo que essas relações podem ou não transgredir. Nesse sentido, Giachini e Leão (2016), aponta uma direção,

É fundamental a implementação de políticas públicas de educação que considerem a construção de projetos educativos que abarquem as questões

de gênero. Aplicar essa proposta requer pensar nos currículos, nas práticas escolares e nos métodos de ensino disponíveis não só às crianças, como também nos cursos de formação docente e nas capacitações dos profissionais da educação. Passa-se do tempo de processar as concepções e os aspectos de gênero presentes – mesmo que ocultos – no currículo e, desse modo, considerar uma nova organização de discursos que, possivelmente, provocarão novas posturas (GIACHINI; LEÃO, 2016, p.1420):

Diante do exposto, faz-se necessária uma contemplação da temática gênero nos cursos de formação de professores, a fim de promover uma educação transgressora ultrapassando os limites pré-estabelecidos pela sociedade, tornando assim as relações igualitárias.

Sendo assim, torna-se primordial pensar e repensar a configuração da professora nas suas práticas pedagógicas para com as crianças no ambiente da sala de aula.

A ideia de trabalhar com esta temática surgiu do meu primeiro estágio extracurricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão em uma escola da rede privada da cidade de São Luís no Maranhão, na qual fiquei por quase dois anos na educação infantil, onde pude observar nas brincadeiras como essas relações de gênero se dava entre as crianças e a professora. O meu envolvimento com o grupo de pesquisa “*Feminismo Decolonial, Formação de Professoras e Campesinato*”, sob a coordenação da professora doutora Elisângela Santos de Amorim, lançou luzes para relacionar meus estudos teóricos à realidade vivenciada pelas crianças e adultos na educação infantil.

Nesse sentido, a pesquisa objetivou responder o seguinte problema de pesquisa: **Como as temáticas relativas às questões de gênero perpassaram na formação inicial das professoras da educação infantil e em que medida contribuíram para uma educação igualitária na educação infantil?**

Somadas ao problema principal de pesquisa, elaboramos algumas questões norteadoras para nos guiar no alcance dos objetivos de pesquisa. São elas:

Como as professoras veem sua formação inicial diante da temática das relações de gênero? Quais as dificuldades das professoras em desenvolver um trabalho que contemplem as relações de gênero na educação infantil? Que desafios são postos para o desenvolvimento destas temáticas na escola da educação infantil? Como as crianças vivenciam as relações de gênero no cotidiano da escola? De que forma são realizadas as intervenções dos adultos nas relações estabelecidas entre as crianças, especialmente nas brincadeiras?

E dentro desse viés, o objetivo geral desta pesquisa é: investigar como as temáticas relativas as questões de gênero perpassaram na formação inicial das professoras da educação infantil, e em que medida contribuíram para uma educação igualitária na educação infantil, e tem como objetivos específicos: Conhecer e analisar como as professoras veem sua formação inicial diante da temática das relações de gênero; averiguar as dificuldades das professoras em desenvolver um trabalho que contemplem as relações de gênero na educação infantil; identificar os desafios postos para o desenvolvimento desta temática na escola da educação infantil; perceber como as crianças vivenciam as relações de gênero no cotidiano da escola; verificar de que forma são realizadas as intervenções dos adultos nas relações estabelecidas entre as crianças, especialmente nas brincadeiras.

Em consonância com o tema escolhido e os aspectos norteadores da pesquisa, buscou-se desenvolver uma pesquisa de campo qualitativa, que visou analisar a importância de uma formação continuada para as relações de gênero na educação infantil. Os instrumentos utilizados na pesquisa foram as observações diretas feitas em sala de aula e a utilização do questionário que foi aplicado com as professoras, no qual conterà perguntas relacionadas à temática proposta. O questionário foi composto com perguntas abertas para algumas professoras da educação infantil e professoras de outras instituições para que se obtivessem um maior número de respostas.

Este TCC está organizado em duas seções, sendo na primeira seção o referencial teórico com os autores que tratam da temática trabalhada como: Vianna e Finco (2009) tratam das relações de gênero e poder presentes nos processos de socialização de crianças pequenas, analisando as estratégias voltadas para a normalização e o controle das expressões corporais de meninos e meninas, Scott (1989) e Louro (1997) fazem um estudo de gênero e sexualidade, (Raupp et al. 2012, p.17-43) versa sobre o processo de formação continuada dos professores no Brasil, Pinto (2010) e Duarte (2003) fazem uma trajetória do feminismo, Eugenio e Boaretto (2016) Oliveira, Silva e Salva (2011) discutem sobre as relações de gênero na escola, Giachini e Leão (2016) investigam na literatura como as crianças aprendem sobre as relações de gênero. Em seguida será apresentada a pesquisa de campo, resultados e análise dos questionários realizados com as professoras na Escola Quatro Estações, que traz o "*Olhar das professoras*

para a temática das relações de gênero” e por fim, tecemos nossas considerações finais acerca da temática desenvolvida.

2 REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

É importante refletir sobre o papel da professora e do professor nesse processo de construção e de formação humana, uma vez que é no ambiente escolar que a criança passa boa parte do seu tempo, construindo e desconstruindo seus pensamentos e comportamentos em sala de aula juntamente com seus pares e professoras. Sendo assim, Oliveira, Silva e Salva (2011) afirmam que, ainda que as reflexões sobre relações de gênero sejam pautadas por pesquisadores das instituições superiores, percebemos que, nas instituições de educação infantil, esse tema ainda está muito restrito dentro das discussões, muitas vezes considerado um tema de menos relevância.

Diante disto, podemos observar que grande parte das professoras tem até mesmo uma grande dificuldade em trabalhar com essa temática em sala de aula. Ainda segundo as autoras, ao considerarmos que as crianças, meninos e meninas alunos da educação infantil e ensino fundamental, passam boa parte do tempo nessas instituições, acreditamos que as ações ocorridas no seu interior influenciam, assim, a constituição dos sujeitos.

É dessa forma que se naturaliza as construções de padrões normatizando e encaixando cada pessoa nessas construções e divisões já pré-determinadas pela sociedade, onde o diferente é posto à margem deixando sempre em evidência o sexismo¹ a divisão de gêneros em um ambiente onde os sujeitos estão prontos para uma troca de conhecimentos e construção de saberes. Nesta perspectiva, as autoras continuam a afirmar que:

Em contrapartida, o contexto da educação infantil favorece práticas não-sexistas. Entretanto, os procedimentos, linguagens, atividades, enfim, o currículo da instituição deve estar voltado para atender à infância, entender as crianças como sujeitos sociais, produtores de cultura, e proporcionar a elas experiências coletivas, trocas entre si, sem distinções de gênero. Isso não quer dizer que adotamos uma postura ingênua, utópica ou reducionista em relação às instituições de educação, já que compreendemos que elas não têm o poder de operar, de eliminar práticas sexistas, mas podem, entretanto, assumir uma postura crítica, atenta e problematizadora em relação a suas práticas e componentes (OLIVEIRA; SILVA; SALVA 2011 p.102)

¹ Sexismo é o ato de discriminação e objetificação sexual, é quando se reduz alguém ou um grupo apenas pelo gênero ou orientação sexual.

É nesse sentido, que a educação infantil tem um papel de grande relevância na promoção da pessoa humana no que se refere a pluralidade e respeito com os seus pares e formando cidadãos capazes de refletir sobre o papel de cada pessoa de forma respeitosa na sociedade, e isso só será possível quando for entendido e acatado de forma consciente de que o currículo deve atender às crianças para que desenvolvam-se de forma que haja uma coletividade para o desenvolvimento de saberes, pois é desta maneira que se pode pensar em uma educação desenvolvida para crianças e não para adultos.

Sabemos que apesar de a escola ser essa instituição na qual depositamos a nossa confiança, não significa dizer que esta tem o poder de eliminar todo e qualquer tipo de preconceito existente no âmbito escolar ou que irá solucionar todas as problemáticas referentes às relações de gênero ou práticas sexistas, mais sim repensar sua postura de forma crítica e emancipatória.

Por isso, as autoras Oliveira, Silva e Salva (2011), destacam que:

A partir disso, consideramos também que os profissionais que atuam nas instituições contribuem, de maneira inconsciente muitas vezes, na reprodução de preconceitos e hierarquias entre meninos e meninas, influenciando na constituição de suas identidades. Portanto, nosso intuito é refletir sobre como esse modelo escolar influi nas práticas diárias das crianças no interior das instituições (OLIVEIRA; SILVA; SALVA 2011 p.102).

Nesta mesma perspectiva, Giachini e Leão (2016) reiteram que:

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e corresponde a fase em que as crianças têm a oportunidade de conviver num grupo social mais amplo. Trata-se de um universo com características próprias com espaços, tempos, organizações e práticas construídas no seio das intensas relações crianças-crianças, crianças-adultos e adultos-adultos e distinto do ambiente familiar, comum para a criança até sua inserção no cenário escolar. A inserção das crianças na vida social ocorre mediante a introdução das mesmas na escola. Neste ambiente elas têm contato com crianças oriundas das mais variadas idades, etnias, culturas, classes sociais, religiões, regiões, entre outros. É também o local no qual as distinções de gênero ocorrem de maneira evidente nos jogos, nos brinquedos, nas brincadeiras, nos vestiários, nos comportamentos aceitos ou não para os meninos e para as meninas, entre outros. Isso ocorre porque a escola não é neutra e reforça as diferenças de gênero.

Isso fica ainda mais perceptível quando as autoras, Vianna e Finco (2009), afirmam: a educação infantil é a etapa onde as crianças convivem entre si passando boa parte do seu tempo em contato com outras crianças, suas relações vão ganhando destaque, o que promove uma potencialidade no convívio propiciando novas interações.

É, portanto, a partir deste contexto de sala de aula que as professoras precisam manter uma postura na qual não submetam suas crianças a práticas sexistas, arraigadas, pré-determinadas pela sociedade. Pode e deve ser a sala de aula o ambiente onde essas práticas se tornem inexistentes a partir de tomadas de decisões que favoreçam esse desenvolvimento crítico e social das alunas e alunos. Sabemos que essa não é uma tarefa muito simples, haja vista que meninas e meninos já trazem consigo alguns comportamentos e atitudes do seu contexto familiar, uma vez que é neste ambiente que elas começam a ter o seu primeiro contato com o convívio social.

Sabemos que a escola é uma reprodutora de padrões e normas impostos por uma sociedade patriarcal, onde homens e mulheres exercem seus papéis de acordo com as normas já pré-estabelecidas no que se refere a ser mulher e ser homem no contexto social brasileiro, padronizando comportamentos e quem não estiver dentro deste padrão é considerado anormal.

Refletir a respeito dessas afirmações acerca da educação infantil sobre o papel biológico e o peso da cultura nesse processo de socialização, exige habilidades dos profissionais de educação e uma formação que contemple saberes que possam ser postos de maneira inclusiva, sem predeterminações estereotipadas e excludentes.

É neste sentido que as autoras Oliveira, Silva e Salva (2011) afirmam que:

Contudo, as instituições precisam direcionar seus currículos para atender à infância. Esse modelo difere da cultura escolar, uma vez que oportuniza às crianças vivenciar experiências de aprendizagem, trocas, conhecimento de si. As práticas precisam estar centradas nas crianças, em um trabalho de escuta e de atenção para o que elas nos dizem, seja por meio de perguntas, brincadeiras ou gestos (OLIVEIRA; SILVA; SALVA 2011 p.102).

É nessa perspectiva que Giachini e Leão (2016), reiteram que as características das crianças já têm uma pré-direção e não são seres isolados quanto a masculinidade e a feminilidade quando confirmam:

A criança não é um ser isolado, ela se constitui nas relações sociais, nos mais diferentes tempos e espaços presentes em sua vida. Essas vivências e convivências culturais e sociais dependem do tempo histórico em que se situam as crianças, mudando de cultura para cultura.

É também na infância que o corpo, o comportamento e as habilidades das crianças são marcados distintamente com características direcionadas à masculinidade e à feminilidade. Tais características geralmente são

consideradas como naturais e se perpetuam, através das gerações, ou seja, propaga-se o comportamento que define que certas atitudes cabem aos homens e outras de menor status, às mulheres.

É sem dúvida através dessas relações que moldam os sujeitos desde a infância com características consideradas aceitas no meio social, que comportamentos devem seguir uma regra ditada no seio familiar e na sociedade, que vai se concretizando no ambiente escolar, com professoras e demais funcionários, tornando meninos e meninas seres formatados em suas regras, compactadas por profissionais que deveriam ter uma formação ampla e consistente na temática das relações de gênero.

Por isso, segundo Raupp et al. (2012) o processo de formação continuada dos professores no Brasil ficou quase que por completo a cargo dos municípios, mais tarde com o surgimento da Política Nacional de Formação de professores, a partir do Decreto 6.755, de 29 de janeiro de 2009, passou-se então a ter o apoio da união, estados e municípios para que de forma colaborativa essa formação inicial e continuada dos professores da rede pública começasse a ter visibilidade a nível nacional com o programa do Curso de Especialização em Educação Infantil, criado pela Universidade Federal de Santa Catarina, juntamente com os grupos de pesquisa (RAUPP et al., 2012, p.17-43). Ainda segundo as autoras:

Nesta perspectiva, a definição da formação das professoras de educação infantil relaciona-se a um conjunto de mediações sociais que incidem no campo da assistência educacional e da educação de crianças de 0 a 6 anos. Estas mediações repercutem na formação desses profissionais, demonstrando que a constituição dessa formação responde à expressão da complexidade das relações e determinações próprias da história da educação da criança de 0 a 6 anos neste país (RAUPP et al., 2012, p.17-43).

Além do curso de especialização na Universidade Federal de Santa Catarina, temos o projeto Gênero e Diversidade na Escola (GDE). No Maranhão duas universidades públicas ofereceram o curso GDE: a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) (2009 e 2010) e a Universidade Federal do Maranhão (UFMA) (2009, 2010 e 2014):

Um curso de extensão ou especialização universitária que objetiva discutir questões relativas às temáticas de gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais, buscando promover a reflexão acerca destes temas integrando perspectivas sociocultural, histórica, educacional e política. O Curso de Gênero e Diversidade na Escola foi ofertado em um projeto piloto em 2006, resultado de uma articulação entre diversos ministérios (Secretaria Especial de Políticas para Mulheres, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e o Ministério da Educação). O curso GDE foi realizado por meio de parcerias com universidades federais e

estaduais que através de seus diversos núcleos de estudos sobre gênero e sexualidade se disponibilizaram a ofertar o curso GDE aos profissionais da educação das redes públicas estaduais e municipais de ensino de todas as regiões do país. O conteúdo do GDE está estruturado em módulos temáticos e estes estão subdivididos em unidades. As unidades se caracterizam pela apresentação dos marcos conceituais pertinentes aos temas, abordam a dinâmica dos movimentos sociais contra a discriminação e pela igualdade e questionam a abordagem do tema no cotidiano da escola. (SOUZA, 2022, p. 93-94)

É importante que se pense no processo de formação onde as professoras possam refletir sobre sua própria formação e as demandas que são vivenciadas em sala de aula, pois trabalhar as questões de relações de gênero não é nada fácil para essas profissionais que já vem com concepções, onde compreender essas relações torna-se algo complexo e fora da sua realidade na formação inicial. Pensando nessa perspectiva, compreendemos que a formação desses profissionais tanto inicial, quanto continuada, é construída por meio de reflexões críticas acerca da sua experiência como professoras e professores.

Por isso torna-se imprescindível que a formação continuada ocorra de maneira que contemple conteúdos que desenvolvam o processo cognitivo e motor das crianças, de maneira que esses profissionais possam trabalhar em sala com temáticas como as relações de gênero de maneira segura, respeitando e valorizando as diferenças existentes dentro do ambiente da sala de aula, tornando o aluno protagonista e seguro de suas habilidades.

Desse modo segundo Oliveira, Silva e Salva (2011) buscando compreender essas relações de gênero, não podemos deixar de refletir como essas relações de gênero são constituídas nos modelos escolares por meio de currículos, normas, linguagens, livros didáticos e avaliações que contribuem para ditar parâmetros na diferenciação de gêneros. É importante também que se leve em consideração que os profissionais atuantes nessas instituições reproduzem e influenciam mesmo que de forma inconsciente os preconceitos nessas relações entre meninos e meninas (OLIVEIRA; SILVA; SALVA, 2011. p.102 -103).

Ainda considerando as afirmações das autoras:

A educação infantil se caracteriza como a primeira etapa da educação básica, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n. 9.394/96, portanto marca o início da vida social das crianças em um contexto mais amplo, com características diferentes do contexto familiar e da escola obrigatória na qual ingressará posteriormente. O espaço da educação infantil permite às crianças vivências coletivas que possibilitam interações com diferentes culturas, etnias, religiões etc. É também nesse contexto que eles e elas, como seres sociais, recriam, transformam e atribuem

significados. Porém, muitas vezes, as crianças são influenciadas por outros grupos, em menor ou maior intensidade. (OLIVEIRA; SILVA; SALVA, 2011. p.102 -103).

Por isso, que essa fase da educação torna-se de grande relevância para a formação social das crianças, pois é por meio dessas vivências que as descobertas vão se desenvolvendo até a vida adulta, contribuindo de forma significativa a sua maneira de ver o mundo, transformando o meio social mais respeitoso e inclusivo. Pois a escola tende a refletir o que se passa na sociedade e a reproduzir os preconceitos sobrepondo um gênero em detrimento de outro. É por meio dessas normas e padrões tidos como normal e aceitável que a instituição escolar acaba por excluir aqueles não estão dentro deste padrão já pré-determinado.

Giachini e Leão (2016) enfatizam que, é como se os dois sexos, o feminino e o masculino estivessem em um determinado grau de uma escala onde o mais feminino ocupasse um extremo e o masculino o outro. Entretanto Scott (1990) vem afirmar que a informação a respeito das mulheres é igualmente utilizada para sugerir a informação a respeito dos homens, que um implica no estudo do outro rejeitando a ideia de estudo em esferas separadas, sendo o gênero uma construção social de ideias e papéis de homens e de mulheres.

Segundo Giachini e Leão (2016, p.1413) afirmam que:

A partir desse ponto de vista de gênero, o contexto em que o indivíduo está inserido, as relações de poder, as crenças, as etnias, entre outros, são fatores que constituem a sua identidade e que contribuem para compreender como homens e mulheres fazem suas opções e as comunicam ao mundo. As identidades de gênero não estão prontas ou acabadas em determinado momento, estão sempre se constituindo a partir de múltiplos discursos que normalizam, regulam e instauram saberes que produzem verdades (GIACHINI; LEÃO, 2016, p.1413).

Partindo dessa premissa que as crianças vão se constituindo pelo convívio, nas relações criança-criança, adulto-criança, em que vão descobrindo e assimilando os valores os hábitos por meio das brincadeiras conhecendo o seu corpo, os objetos no espaço em que esta inserida observando os comportamentos dos adultos os hábitos e valores de cada um. É nesse momento das brincadeiras em que seu cognitivo está em desenvolvimento que se pode observar aprendizados tanto no aspecto cognitivo quanto motor.

Como bem afirmam as autoras Vianna e Finco (2009), as experiências de meninos e meninas na educação infantil é considerada como um rito de passagem

contemporâneo antecipando a escolarização produzindo habilidades de feminilização e masculinização dos corpos, controlando os sentimentos, os movimentos corporais de acordo com as expectativas que nossa cultura carrega refletindo diretamente nos brinquedos que estarão dispostos (VIANNA; FINCO, 2009, p.272).

2.1 A importância dos feminismos na formação docente

O movimento feminista tem suas características próprias de reflexão e crítica, partindo da necessidade de uma luta em defesa das mulheres que lutavam por reconhecimento de seus direitos.

Segundo Pinto (2010), no decorrer da história ocidental sempre tiveram mulheres que não se conformavam com a sua condição e iam em busca de liberdade, tendo muitas vezes que pagar até com a própria vida (PINTO, 2010, p.15). Com o apoio absoluto da Inquisição, a igreja católica foi extremamente cruel com aquelas que não aceitavam os seus princípios pregados como dogmas incontestáveis, com o apoio absoluto da Inquisição.

Nas últimas décadas do século XIX acontecia o movimento de mulheres na Inglaterra as chamadas “sufragetes”, que lutavam pelo direito ao voto, no qual fizeram uma grande manifestação em Londres resultando em prisões das integrantes do movimento, que na prisão chegaram a realizar greve de fome (PINTO, 2010, p.15). Ainda segundo Pinto (2010), no Brasil essa luta do feminismo também acontece na luta por direito ao voto, onde essas sufragetes brasileiras seguem com a liderança de Bertha Lutz, bióloga que estudava fora do Brasil e voltou dando início na luta pelo voto, sendo uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino fazendo uma campanha pública com abaixo-assinado levando ao senado em 1927 solicitando a aprovação de um projeto de lei do Senador Juvenal Larmartine, que concedia o direito ao voto das mulheres, sendo este direito conquistado somente em 1932. Contudo essa primeira onda do feminismo perdeu a força aparecendo com importância na década de 1960. “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir, foi um livro na qual impactou as mulheres trazendo uma das máximas do feminismo: “não se nasce mulher torna-se, mulher”.

Nesta perspectiva Duarte (2003) nos revela que,

Diferente do que ocorre em outros países, existe entre nós uma forte resistência em torno da palavra “feminismo”. Se lembrarmos que feminismo foi um movimento legítimo que atravessou várias décadas, e que transformou as relações entre homens e mulheres, torna-se (quase) inexplicável o porquê de sua desconsideração pelos formadores de opinião pública. Pode-se dizer que a vitória do movimento feminista é inquestionável quando se constata que suas bandeiras mais radicais tornaram-se parte integrante da sociedade, como, por exemplo, mulher frequentar universidade, escolher profissão, receber salários iguais, candidatar-se ao que quiser. Tudo isso, que já foi um absurdo sonho utópico, faz parte de nosso dia a dia e ninguém nem imagina mais um mundo diferente (DUARTE, 2003, p. 151).

Duarte (2003), ainda continua a sua reflexão a cerca do feminismo nos informando que apesar de todas as conquistas alcançadas, sendo motivo de orgulho para as mulheres resulta em um grande preconceito em torno do movimento causando um desgaste tornando as adeptas ao movimento taxadas de mulheres malandras, machonas, dentro outros sinônimos. Duarte ainda com seu pensamento a cerca do feminismo, nos diz também que muitas escritoras deixaram de aceitar essa intitulação. Afirma ainda ser uma derrota para o movimento não permitir que as gerações futuras tenham o conhecimento do movimento feminista e de sua grande importância para a vida de mulheres que tiveram por muito tempo seus direitos relegados.

Como podemos perceber, o movimento feminista foi essencial para que o movimento tivesse sua grande relevância na vida das mulheres e para a sociedade como um todo. Entretanto percebemos que o mesmo foi duramente colocado a parte e desmerecendo, diminuindo toda a luta por direitos e reconhecimento.

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias. (PINTO, 2010, p.16)

Neste sentido, Duarte (2003) faz uma ponderação,

Penso que o “feminismo” poderia ser compreendido em um sentido amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo. Somente então será possível valorizar os momentos iniciais desta luta – contra os preconceitos mais primários e arraigados – e considerar aquelas mulheres, que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas (DUARTE, 2003, p. 152).

Essa é uma luta que representa a autonomia das mulheres, uma liberdade de poder decidir o que é melhor ou não. É uma luta por direitos que sempre são negados, excluídos de maneira que não se tem voz sobre questões em que envolvam ou não as mulheres. É importante que a educação contribua nesse processo de desenvolvimento e de construção da pessoa humana. Esse processo de construção da educação se desenvolveu da maneira em que encontramos hoje, a partir da luta do movimento feminista também, dando voz e liberdade para as mulheres possibilitando que estas ocupassem seus lugares de direito sem opressão ou discriminação por sexo.

Neste sentido Giachini e Leão (2016)

É evidente que ao longo da infância, tanto os meninos como as meninas sofrem diversas formas de violência à medida que estão constituindo suas identidades. As maneiras de opressão e discriminação existentes na sociedade são complexas e variadas, e contribuem diretamente para que o padrão de homogeneidade anule a pluralidade e não respeite a singularidade de cada criança (GIACHINI; LEÃO, 2016, p.1414).

Vianna e Finco (2009) destacam a perspectiva sociocultural:

A perspectiva sociocultural permite centrarmos nosso olhar nas formas de controle do corpo infantil, um processo social e culturalmente determinado, permeado por formas sutis, muitas vezes não percebidas. Poderíamos, então, dizer que as características tidas pela tradição como naturalmente masculinas ou femininas resultam de esforços diversos para distinguir corpos, comportamentos e habilidades de meninas e meninos (VIANA; FINCO, 2009, p. 268).

Já Oliveira, Silva e Salva (2011) observam que:

Antigamente e ainda hoje, os pais ensinam aos filhos que homem não chora, não pode ser delicado e não pode demonstrar seus sentimentos. Essa imagem vem sendo construída a partir dos modelos que a sociedade nos oferece. Ou seja, mesmo sendo produtores de cultura, com maneiras muito particulares de ver e “sentir” o mundo, as crianças, durante o seu desenvolvimento, são influenciadas a partir do que os outros vão lhe dizendo, seja pela mídia, familiares, professoras e professores (OLIVEIRA; SILVA; SALVA, 2011, p.108).

Eugenio e Boaretto (2016) destacam os papéis destinados às mulheres e homens,

Na construção da identidade de gênero, o ser homem ou o ser mulher é influenciado diretamente pelas determinações histórico-culturais de cada sociedade. No caso da sociedade brasileira, desde o período de colonização os homens possuíam liberdade e participação política, enquanto as mulheres assumiam um papel subalterno, cabendo a elas o papel de organização doméstica e cuidados com os filhos (EUGENIO; BOARETTO, 2016, p.141).

Diante do exposto, observa-se que essas relações entre meninos e meninas são permeadas de muitos estereótipos impostos pelo ambiente familiar e a sociedade em geral, e na escola onde essas concepções e comportamentos deveriam ser contestados ou desmistificados, estão sendo reproduzidos e se constituindo por meio de brincadeiras, falas, comportamentos, muitas vezes reproduzidos até mesmo sem intenção pelas professoras. Sabemos que a escola não é o único ambiente reprodutor desses relacionamentos hierárquicos e impositivos, mais a instituição tem muita responsabilidade em desenvolver um papel inclusivo, de escuta, igualdade de gênero e posicionamentos onde os dois sexos possam ser respeitosos e acolhedores com suas diferenças.

Portanto Vianna e Finco (2009),

Ultrapassar a desigualdade de gênero pressupõe, assim, compreender o caráter social de sua produção, a maneira como nossa sociedade opõe, hierarquiza e naturaliza as diferenças entre os sexos, reduzindo-as às características físicas tidas como naturais e, conseqüentemente, imutáveis. Implica perceber que esse modo único e difundido de compreensão é reforçado pelas explicações oriundas das ciências biológicas e também pelas instituições sociais, como a família e a escola, que omitem o processo de construção dessas preferências, sempre passíveis de transformações (VIANA; FINCO, 2009, p. 270).

Desta forma, compreendemos que essas relações são permeadas de estereótipos que naturalizam todo esse processo de hierarquização de um sexo sobre o outro. Desse modo, faz-se necessário trazer para o ambiente da sala de aula a importância do movimento feminista nesse processo de busca por direitos e reconhecimento da mulher como produtora de conhecimento no meio social e cultural.

Louro (1997) é bem clara quando fala da visibilidade da mulher, que era este o grande objetivo das estudiosas feministas neste primeiro momento; tornar a mulher mais visível, pois foram segregadas em todos os âmbitos e principalmente na infância. Destaca ainda que a esfera do mundo doméstico como universo da mulher já vinha sendo rompida por algumas mulheres. Há muito tempo as mulheres trabalhadoras exerciam atividades desde a lavoura até gradativamente os serviços em fábricas com cargos em escritórios, hospitais, escolas e essas atividades eram sempre dirigidas por homens, como ainda acontece hoje.

Nessa mesma perspectiva, Louro (1997) enfatiza, para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os

sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental. É algo que está enraizado, passando de geração para geração sendo reproduzido nas relações, é algo construído sócio e culturalmente. É se adequar a uma dada sociedade com as expectativas e os papéis destinados aos homens e mulheres respondendo a cada característica, enquadrando-se a essas classificações. Responder a tais parâmetros nos coloca em posições de como se portar formatando e compactando cada comportamento, gesto ou posicionamento na sociedade em geral.

É fundamental que façamos uma reflexão acerca da importância do feminismo no espaço educativo nessa relação menino-menina. O feminismo vem trazendo grandes contribuições a fim de dismantlar uma estrutura patriarcal que não dá voz às mulheres, e nessas relações de gênero tanto no ambiente da escola, quanto no trabalho ou espaço social em geral, percebemos que essa luta vem cada dia mais ganhando espaços nessas relações, que antes eram vistas como impossíveis, tratando meninas e meninos de forma cada vez mais respeitosa no ambiente da sala de aula. Percebe-se essa relação se modificando quando professoras começam a oportunizar as relações de gênero no ambiente escolar de maneira que meninas e meninos começam a interagir entre si nas brincadeiras, nas atividades em sala de aula.

É nessas relações de respeito entre os gêneros que o feminismo vem trazendo sua contribuição e tornando professoras e professores reflexivos em suas práticas. É por meio dessas interações e diálogos que a escola vai desmistificando essa estrutura que se constituiu tornando a mulher em posição de dominada e o homem dominante.

3 OLHAR DAS PROFESSORAS PARA A TEMÁTICA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Esta seção trata dos caminhos metodológicos da pesquisa de campo e dos resultados da pesquisa de campo. A mesma ocorreu na Escola Municipal Governador Eugênio Barros em São José de Ribamar – Maranhão, foi organizada metodologicamente em dois momentos: o referencial teórico que trouxe a contribuição de autores que tratam da temática das relações de gênero, feminismo e formação de professoras e logo depois com a pesquisa de campo realizada com as professoras tanto da instituição quanto professoras de fora da instituição. Na sala observada ficavam duas professoras: uma ficava duas vezes na semana (segunda e sexta) e a outra (terça, quarta e quinta feira).

3.1 Os caminhos metodológicos da pesquisa

A pesquisa de campo é de cunho qualitativo, nesse sentido Moresi (2003), nos explica da seguinte forma:

Considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. (MORESI, 2003, p. 8,9)

Desse modo, a pesquisa qualitativa permite ao sujeito refletir sobre o meio social ao qual está inserido. Há de fato uma relação com o ambiente, um vínculo para que possa realizar a coleta de dados de maneira descritiva.

A pesquisa foi organizada em dois momentos. Inicialmente, foi feito um levantamento teórico de autores que trabalham as questões de relações de gênero e formação docente como: Vianna e Finco (2009), Scott (1989) e Louro (1997), Eugenio e Boaretto (2016), Oliveira, Silva e Salva (2011) e Giachini e Leão (2016), trazem um estudo das relações de gênero analisando as relações presentes no meiosocial e no âmbito da sala de aula enfatizando também na relação de crianças bem como elas aprendem; e por último Raupp et al.(2012) e Pinto (2010) e Duarte (2003)

que trabalham o processo de formação continuada de professores e trazem um pouco da trajetória do feminismo dentre outros.

É de grande relevância o referencial teórico para pesquisas, pois traz contribuições para o desenvolvimento do trabalho para que este possa se fundamentar de forma que possibilite trazer pontos de vistas variados.

No segundo momento, foi feita a pesquisa de campo realizada na Escola Municipal Governador Eugênio Barros, que fica localizada na avenida Sol Nascente, nº 27, bairro Alonso Costa, na cidade de São José de Ribamar, Maranhão. Na foto 01 está representado parte da escola sendo a imagem da educação infantil com duas turmas: infantil I e II, possui também 04 salas destinadas ao ensino fundamental que vai até o 5º ano, 2 banheiros: masculino e feminino, uma cozinha e 1 sala onde fica a diretora e um auxiliar que trabalha na administração. As observações aconteceram na instituição de ensino no segundo semestre do ano de 2022 com a turma do infantil I com um total de 29 alunos na faixa etária entre 04 e 05 anos de idade, sendo que desse total os que realmente frequentavam eram entre 15 e 20 alunos.

Figura 01 - Educação infantil



Fonte: (AUTORA)

Nesse sentido a pesquisa de campo para Moresi (2003) é investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno ou que dispõe de elementos para explicá-lo (MORESI, 2003, p. 9). Pode incluir entrevistas, aplicação de questionários, testes e observação participante ou não. Por isso, é fundamental

que se leve em consideração a pesquisa de campo, tendo em vista que o pesquisador tem o contato direto com o objeto em que será pesquisado, fundamentando e embasando toda a teoria. Além das observações foram feitas aplicações de questionários com professoras da educação infantil. O questionário teve um total de 07 perguntas abertas com o objetivo de saber como as professoras lidavam com as questões relativas ao gênero e se tinham alguma formação nessa temática.

O uso do questionário foi a maneira mais acessível para que se obtivesse êxito na pesquisa. Nesta perspectiva Moreti (2003) afirma que “[...] é uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito pelo informante” (MORESI, 2003, p. 30). Dessa forma o questionário torna-se um mecanismo de grande relevância para as pesquisas dando um aporte nesse processo de busca por dados. Apesar de o questionário ser um mecanismo flexível houve algumas dificuldades em receber o mesmo respondido, pois as professoras relatavam a falta de tempo por estarem com muitos afazeres da escola. Foram entregues 07 questionários, porém foram respondidos 06.

3.2 Intervenções das professoras nas relações das crianças nos momentos das brincadeiras

A escola é o ambiente no qual as crianças podem se comunicar umas com as outras, desenvolvendo habilidades, trocando saberes e experiências. A escola precisa estar preparada para receber essas crianças com espaços adequados para que desenvolvam suas atividades e possam brincar com segurança. Nessa perspectiva a escola na qual foram feitas as observações foi verificado que as crianças não tinham esse momento do “recreio”, onde pudessem interagir umas com as outras. Elas permaneciam em seus lugares sentadas para fazer o lanche e ao término continuavam ali, com brinquedos que a professora entregava para que pudessem de alguma forma ter esse momento. Quando a professora foi questionada do motivo pelo qual as crianças não brincavam fora da sala de aula no momento do recreio, ela respondeu que “[...] eles não brincam fora da sala por conta de os maiores não os machucar”.

Com isso as crianças ficavam por muitas vezes agitadas em sala de aula e principalmente nesse momento do lanche. A professora muitas vezes pedia que as

crianças permanecessem sentadas. Elas queriam sair daquele ambiente e brincar como todos os outros alunos no pátio da escola. Como percebido na foto 02 a seguir.

Figura 02 - Imagem da sala de aula no momento do recreio



Fonte: (AUTORA)

Com relação a esse momento do intervalo onde as crianças ficam muito agitadas querendo brincar também do lado de fora da sala, percebe-se que além dessa problemática existem também na sala de aula vários livros empilhados de outras séries, onde acaba por prejudicar e comprometer o espaço da sala, sem contar também acúmulo de poeira que se instala nesse ambiente.

Figura 03 - Momento do recreio

Fonte: (AUTORA)

Ainda sobre o espaço da sala de aula, nessa escola são 2 salas destinadas a educação infantil e em suas dependências possuem banheiros e uma espécie de depósito que armazenam objetos da escola.

Embora a sala de aula tivesse um tamanho razoavelmente bom, ele acabava por ser mal utilizado. O quadro branco também não é utilizado pelas professoras, pois o mesmo fica disposto em uma parede da sala na qual não fica visível para toda a turma. Quando querem escrever algo para que as crianças copiem nos seus cadernos, elas escrevem em um papel em branco e colocam na mesa para que todas copiem.

Desse modo Giachine e Leão (2016) afirmam que,

A brincadeira, certamente, é um aporte relevante, pois é por meio dela que a criança aprende acerca do mundo em que está inserida. Momentos destinados às diversas formas de brincar, certamente fazem parte da rotina das instituições de Educação Infantil, e não poderia ser diferente, pois a brincadeira é sempre associada ao desenvolvimento infantil. Aliás, brincar é uma das formas mais consideráveis de estar no mundo e pensar sobre ele. Ao brincar, a criança conhece o próprio corpo, os objetos e o espaço em que vive, imita o comportamento dos adultos à sua volta, assimilando valores e hábitos culturais, elabora sentimentos e situações vividas. Ademais, é brincando que a criança se desenvolve nos aspectos cognitivo, físico, motor, sócio-afetivo e psicológico (GIACHINE; LEÃO, 2016, p. 1415).

Por isso faz-se necessário que o momento do brincar aconteça de fato, pois é nesse momento de interação que as crianças vão fazendo novas descobertas e a escola passa a ser um ambiente prazeroso, onde as relações acontecem de forma construtiva no que diz respeito ao seu desenvolvimento intelectual e motor. Uma vez que se percebe que na turma observada não existe esse momento do recreio, que é destinado ao brincar, tira a oportunidade das crianças de interagirem entre si, já que

esse é o momento onde elas podem ficar mais livres para expressarem seus comportamentos das mais variadas formas.

Outro momento observado em sala foi quanto a divisão dos brinquedos. A professora em uma conversa me relatou que as crianças brincam do que querem e elas escolhem os brinquedos. Porém em um dos dias em que distribuiu os brinquedos perguntou para o grupo de meninas se elas queriam “brinquedo de meninas” expresso na foto 04, sendo nitido que a professora vê o brinquedo com sendo para menino, porém as meninas optaram por brincar com os lego.

Ainda segundo Giachini e Leão (2016), a todo momento o educador deve se vigiar para não cair no erro de controlar e cercear as brincadeiras das crianças, geralmente ele o faz de forma despercebida. Aliás, vale frisar que devem possibilitar que elas tenham acesso a todos os brinquedos, uma vez que não são definidores da orientação do desejo sexual (GIACHINI; LEÃO, 2016, p. 1416).

Nesse momento ficou claro o quanto os estereótipos com relação aos brinquedos ficam muito presente na fala da professora que muitas vezes costumava se expressar de maneira que reafirmava preconceitos nessas relações onde o brincar deveria estar de maneira leve e descontraído.

Figura 04 - Meninas brincando



Fonte: (AUTORA)

É importante ressaltar também a relação de uma menina em especial que adora brincar com os meninos. Ela brinca do que gosta não faz distinção se é menina ou menino ela gosta mesmo é de brincar e isso incomoda a professora, pois sempre chama a atenção da mesma e a troca de lugar.

Nessa perspectiva Giachini e Leão (2016) nos informam que o brincar é uma atividade de extrema relevância para o desenvolvimento da criança, pois ajuda a desenvolver a identidade e a compreender a realidade por meio das relações sociais e obtenção de experiências. Ao brincar a criança vai se deslocando e buscando os parceiros manipulando os objetos, se comunicando com os colegas, se pronunciando por meio de variadas linguagens aprendendo a decidir e entender as regras (GIACHINI; LEÃO, 2016, p. 1416).

Continuando com o pensamento das autoras:

Considerando a utilização dos brinquedos e brincadeiras, bem como sua importância no cotidiano da instituição de Educação Infantil, pode-se dizer que é nessa fase da educação que o processo de construção de identidades de gênero se torna mais incisivo. Geralmente as atitudes sexistas se fazem presentes nessas instituições, como por exemplo, não permitir que a menina brinque com carrinho e o menino brinque com bonecas. Existe a preocupação da menina se masculinizar e o menino, por sua vez, se feminilizar. (GIACHINI; LEÃO, 2016, p. 1416)

A maneira como essas crianças vão se relacionando vai contribuindo para a construção de sujeitos e compreendendo seu papel no meio em que vivem. Dessa forma os brinquedos deixam de ocupar determinados padrões direcionados pela sociedade e passam a exercer o papel de compartilhar saberes e construir momentos de muito aprendizado a partir de vivências no cotidiano da escola.

3.3 Dificuldades percebidas pelas professoras para o desenvolvimento de trabalhos que contemplem as relações de gênero

É importante destacar que as professoras exercem um papel primordial nessas relações de gênero em sala de aula, visto que é nesse ambiente que as crianças começam a interagir umas com as outras, por isso faz-se necessário uma formação que possa contemplar essa temática para que essas profissionais possam desenvolver seus trabalhos com mais segurança e ter um direcionamento que possa apontar caminhos para um desenvolvimento a contento.

A seguir serão analisados os dados referentes a pesquisa com base no questionário respondido pelas professoras. Vale ressaltar que as professoras serão

identificadas por letras do alfabeto para a preservação de sua identidade e as suas respostas estarão em itálico ao longo da escrita. As docentes participantes da pesquisa todas são do sexo feminino com formação em pedagogia e com relação as suas experiências na docência, variam entre 01 e mais de 20 anos.

Ao longo do questionário buscou-se por meio das questões verificar o que as professoras entendiam por relações de gênero e se tiveram em sua formação inicial ou continuada alguma disciplina que tratasse dessa temática; se trabalhado, de que forma contribuiu para que ela desenvolvesse uma educação igualitária na educação infantil; suas percepções diante da formação inicial na temática das relações de gênero; suas dificuldades em desenvolver um trabalho que trate das relações de gênero; percepção com relação a vivência das crianças no cotidiano escolar baseado nas relações de gênero; como faz as intervenções nas relações estabelecidas entre as crianças nas brincadeiras.

As questões mencionadas acima estarão dispostas no quadro abaixo que conterà as perguntas referentes ao questionário aplicado e as respostas estarão em itálico, a série na qual trabalham, seu tempo de docência, formação e a identificação de cada professora que estará por meio das letras do alfabeto, como já explicado anteriormente para que se preserve as suas identidades e tempo de docência.

Quadro 1 – Perfil das professoras participantes do questionário

	Turma que atua	Formação	Tempo de docência
Professora A	Infantil I e II	Pedagogia	Mais de 20 anos
Professora B	Infantil I	Pedagogia	13 anos
Professora C	Infantil II	Pedagogia	02 anos
Professora D	Maternal	Pedagogia	01 ano
Professora E	Infantil II	Pedagogia	3 anos
Professora F	Jardim II	Pedagogia	Não foi informado

Fonte: (Autora).

A seguir, no quadro 2 temos as perguntas do questionário aplicado juntamente com as respostas de cada uma das entrevistadas. Logo após, serão apresentadas as análises das respostas.

Quadro 2- Questionário com as repostas das professoras

1- O que você entende por relações de gênero?
Professora A: <i>Oposição entre “homem e mulher” ou “feminino e masculino” e nos estereótipos sobre sexualidade. O gênero, refere-se ao comportamento esperado de alguém com base em seu sexo biológico.</i>
Professora B: <i>Relações entre meninos e meninas.</i>
Professora C: <i>São desigualdades existentes entre homens e mulheres.</i>
Professora D: <i>São relações que se perpetua em nossa sociedade por meio das pessoas que nela vivem, pois somos uma sociedade pluralista.</i>
Professora E: <i>Uma relação existente e predominante e ainda predominante no século XXI.</i>
Professora F: <i>Relações de gênero é como entendemos o masculino e feminino e as representações na sociedade.</i>
2- Existe ou existiu em sua formação Inicial ou continuada alguma disciplina que trabalhasse a temática das relações de gênero?
Professora A: <i>Não.</i>
Professora B: <i>Não.</i>
Professora C: <i>Não.</i>
Professora D: <i>O entendimento sobre as relações de gênero, só foram colocados como dispare na universidade e teve sim disciplinas voltadas para essa temática.</i>
Professora E: <i>Não.</i>
Professora F: <i>Sim.</i>
3- Trabalhar essa temática contribuiu de alguma forma para que você desenvolvesse uma educação igualitária na educação infantil?
Professora A: <i>Sim. É importante trabalhar desde cedo sobre gênero. Compreendemos melhor as especificidades em torno das aprendizagens relativas à construção das identidades de gênero, de forma a evidenciar que ser</i>

<i>homem e mulher, menino e menina são construções sociais complexas e diversificadas. Esse processo consente-nos considerar as masculinidades e as feminilidades como possibilidades plurais que permitem aos seres humanos ser e estar no mundo, o que inclui, também, as próprias crianças.</i>
Professora B: <i>Não contribuiu.</i>
Professora C: <i>Não trabalhei essa temática.</i>
Professora D: <i>Sim, com certeza, até mesmo para entender outras relações que se dissipam no ambiente educacional realizados por crianças para que não se perpetue para a vida adulta.</i>
Professora E: <i>Sim, pois valoriza a questão histórica, e reforça a questão do respeito.</i>
Professora F: <i>Sim</i>
4- Como você percebe sua formação Inicial diante da temática das relações de gênero?
Professora A: <i>Não tive nenhuma formação sobre essa temática.</i>
Professora B: <i>Com falha, pois não foi abordado e já era para ser tratado.</i>
Professora C: <i>Falar sobre gênero e sexualidade é parte da construção do respeito à diferença.</i>
Professora D: <i>De grande valia, pois consigo compreender e para que não permita ser disseminado principalmente entre as crianças.</i>
Professora E: <i>Uma formação incompleta e fragmentada.</i>
Professora F: <i>Da uma noção de como devemos ser neutros ao abordar esses temas em sala de aula evitando estereótipos.</i>
5- Quais as dificuldades que você tem em desenvolver um trabalho que trate das relações de gênero?
Professora A: <i>O preconceito que ainda existe nas famílias.</i>
Professora B: <i>Não tenho dificuldades, pois trabalho com eles a questão de não deixar que toquem em suas partes íntimas, somente a mamãe.</i>
Professora C: <i>Acho que não terei muita dificuldade.</i>

<p>Professora D: <i>Com a famílias, pois podem até conviver, mas a aceitação e a compreensão são ações diferentes.</i></p>
<p>Professora E: <i>As reações e a didática aplicada a trabalhar com essa temática.</i></p>
<p>Professora F: <i>A dificuldade é quando a criança recebe orientações de sua família passam para seus filhos principalmente quando são evangélicos e reforça um certo preconceito isso dificulta para trabalhar esse tema.</i></p>
<p>6- Como você percebe a vivência das crianças no cotidiano escolar baseado nas relações de gênero?</p>
<p>Professora A: <i>Ainda é muito presente na cultura das crianças o que é de menino e o que é de menina.</i></p>
<p>Professora B: <i>A relação é constituída pela família. Muitos já vêm com a ideia de menino brinca com menino e menina brinca com menina. No entanto as crianças acabam brincando todas juntas, pois não tem essas maldades.</i></p>
<p>Professora C: <i>Acredito que na escola a criança tem a oportunidade de conhecer outros modos de vivência, que não seja necessariamente a violência e o preconceito com o que lhes é diferente.</i></p>
<p>Professora D: <i>Algumas traz consigo suas identidades que é natural da construção familiar, mas que na escola o professor pode trabalhar o respeito pelo próximo que é importante para a sociedade.</i></p>
<p>Professora E: <i>Tudo que vivemos é reflexo de um contexto histórico e carregado de preconceito, as crianças carregam o que os pais espelham isso em casa e assim reproduzem na escola e com amigos.</i></p>
<p>Professora F: <i>Nas brincadeiras, no momento do lanche eles sempre falam sobre coisa de menino ou cor de menina.</i></p>
<p>7- De que maneira você realiza as intervenções nas relações estabelecidas entre as crianças nas brincadeiras?</p>
<p>Professora A: <i>Na hora de dividir os grupos de estudo e brincadeiras, mostro para as crianças que os grupos podem ter meninos e meninas. Que podem brincar juntos, um ajudando o outro.</i></p>
<p>Professora B: <i>Na educação infantil eu não faço separação de brinquedos, eles brincam como e com o que querem.</i></p>
<p>Professora C: <i>Explicando que homens e mulheres podem brincar junto sim e</i></p>

<i>que não é só mulher que brinca de casinha e só homem joga futebol.</i>
<i>Professora D: Com a realização de contação de histórias que trata do tema, e dramatização de histórias realizadas pelas crianças, apresentando para elas que somos da maneira que somos porque nos parecemos com os nossos pais cada um tem sua família, também tem os brinquedos das crianças, que hoje já temos bonecas negras e brinquedos que não são restritos apenas para meninos ou meninas.</i>
<i>Professora E: Procuro sempre unificar, e quebrar o máximo que eu posso, para desconstruir essa teoria imposta pela sociedade machista e preconceituosa.</i>
<i>Professora F: Explicando que todos nós podemos ser e fazer o que quisermos.</i>

Com base nas respostas dada na questão 1 percebe-se que cada uma das professoras tem um conceito de gênero baseado no sexo, na relação menino e menina e no papel que cada um ocupa na sociedade, colocando em oposição essas relações.

Nessa perspectiva Scott (1989) afirma que,

Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. (SCOTT, 1989, p. 7)

Desse modo como já vem tratando ao longo do texto essas relações de gênero vão se constituindo baseando-se nessas diferenças percebidas entre meninos e meninas que estão para além do critério biológico.

Com relação as respostas da questão 2, que trata sobre a formação das professoras nessa temática, ficou muito claro a importância de uma formação continuada nessa temática para ampliar suas percepções sobre as relações de gênero. Como percebido, apenas as professoras *D* e *F* tiveram em sua formação temáticas desta natureza. Como já mencionamos na primeira seção, essa discussão precisa estar presente nos cursos de formação continuada. Na questão 3 as professoras *B* e *C* não percebem essa contribuição da formação docente para que trabalhem em sala de maneira igualitária, e *A* apesar de ter respondido que não teve em sua formação essa temática, afirma ser importante trabalhar em sala esses

assuntos pois trabalhar desde cedo as relações de gênero compreende-se melhor as especificidades. *D*, *E* e *F* também consideram importante pois proporciona o entendimento entre outras relações e o respeito.

Com relação a questão 4, sobre a percepção de sua formação na temática das relações de gênero *D* e *F* responderam ser de grande importância pois evita estereótipos e ajuda na neutralidade. Sabemos que a neutralidade nesse ponto é algo que não vai evidenciar, pois temos que ter um posicionamento de desmistificar esses estereótipos colocando em evidencia o respeito nessas relações. *A*, *B*, *C* e *E*, percebem sua formação com uma falha, já que não foram abordadas essas temáticas na sua formação.

A questão 5 é sobre as dificuldades em trabalhar sobre a temática em sala, e as respostas de *A*, *D*, *E* e *F* retratam que as dificuldades são em relação as famílias, no que diz respeito a aceitação e orientação, que acaba por refletir o preconceito e a questão da didática aplicada nesse processo. Todas as problemáticas ficam ainda mais evidentes quando não se tem uma formação na área, para que a partir desta sejam tomados os direcionamentos para se realizar um trabalho com excelência, sem deixar lacunas. *B* e *C* relataram que não tem dificuldades em trabalhar a temática com as crianças.

Nesse sentido, Vianna e Finco (2009) destacam que, as expectativas em relação à diferença de comportamento que se deseja para o menino e para a menina, justificadas pelas diferenças biológicas, acabam proporcionando distintas vivências corporais e determinando os corpos infantis: meninos e meninas têm no corpo a manifestação de suas experiências.

Sendo assim, essas dificuldades no trato com essas relações são oriundas de estereótipos e expectativas arraigadas de preconceitos que professoras e familiares já trazem consigo.

A questão 6 é com relação a percepção das professoras na vivência das crianças no cotidiano escolar baseado nas relações de gênero. As professoras acreditam que há uma grande influência da família nesse processo. Na concepção delas, as crianças muitas vezes já trazem consigo alguns estereótipos, principalmente nessas relações com os brinquedos. As professoras *C* e *D* acreditam que a escola tem um papel muito importante nessa construção de respeito com o próximo.

Desse modo Vianna e Finco (2009) consideram que, as instituições como família, creches e pré-escolas orientam e reforçam habilidades específicas para cada sexo, transmitindo expectativas quanto ao tipo de desempenho intelectual considerado “mais adequado”, manipulando recompensas e sanções sempre que tais expectativas são ou não satisfeitas.

Partindo dessa premissa, a escola reitera práticas sexistas e estereotipadas, muitas vezes até mesmo sem perceber, pois é algo que está enraizado e passa muitas vezes despercebido, moldando cada criança de acordo com o que se acredita ser normal.

E a questão 7 refere-se as intervenções feitas pelas professoras nos momentos das brincadeiras. Nesse último ponto as professoras *A, B, C, E* e *F* enfatizaram que deixam as crianças bem a vontade para escolher seus brinquedos e brincadeiras, explicando que eles podem brincar como e com quem querem. Já a professora *D*, realiza atividades que desmistificam e desmantelam esses estereótipos, com a dramatização, contação de histórias e trazendo brinquedos também que mostram essas diversidades entre as pessoas.

Na sala observada, esses momentos de brincadeiras ficaram restritos a alguns minutos de lanche e as crianças permaneciam em seus lugares sem muita interação. Esse momento acaba sendo tirado dessas crianças por motivos que não se justificam. Acaba por influenciar em todo o desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido, Vianna e Finco (2009) afirmam que, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, é o início de uma experiência onde crianças têm a oportunidade de se relacionar com um grupo diferente que não seja o familiar, nessa etapa o corpo, os gestos, o psicológico vai ganhando espaço com valores culturais (VIANNA; FINCO, 2009, p. 270).

Faz-se necessário que a escola priorize esses momentos de interação, que sabemos que são momentos nos quais as crianças desenvolvem o seu intelecto de forma criativa, descobrindo o mundo de diversidades que a convivência com o outro pode possibilitar. É a partir dessas trocas que percebemos as mais diversas culturas e formas de aprendizagem envolvendo não somente trocas entre as crianças, mais também entre os adultos que estão nesses espaços.

3.4 Vivência das crianças com as relações de gênero no cotidiano escolar

É importante que toda criança possa conviver e se relacionar com outras pessoas, sejam elas adultas ou crianças. A escola é o ambiente no qual pode proporcionar esses momentos, para que se desenvolvam a partir de diferentes culturas e compreendam essas diversas relações de forma respeitosa, com a colaboração dos docentes ali inseridos. Tomando como base essas reflexões buscamos de maneira consciente uma relação não de poder, mas de respeito e igualdade nos espaços escolares.

Na turma observada esse convívio ficou limitado, como já foi citado no texto. O momento das brincadeiras fica evidente que as crianças ficam mais à vontade para se relacionar e romper paradigmas nessas relações onde os preconceitos e estereótipos ficam mais aflorados. Quando crianças são postas em salas onde não há essas relações mais próximas umas com as outras, não se tem uma troca de conhecimentos tanto culturais como intelectuais e acabam por ficar limitados nessas trocas que contribuem de forma significativa para o seu pleno desenvolvimento.

Nesse sentido, Giachini e Leão (2016) afirmam que,

Cabe ao educador propor às crianças que brinquem juntas e assim cooperem entre si. Ademais, o adulto exerce uma função bastante significativa na brincadeira infantil, principalmente no ambiente da instituição de educação infantil porque é dele a capacidade de zelar pelo espaço da brincadeira, garantindo o tempo, os materiais diversificados e a privacidade para que as crianças possam brincar tranquilamente. Aliás, cabe ao adulto promover revezamentos de papéis, orientar quanto à solução de conflitos. (GIACHINI E LEÃO, 2016, p. 1417)

A professora deixa desse modo de verificar cada especificidade e de contribuir de alguma forma nesse processo de construção da pessoa humana, pois deixa passar situações na qual poderia intervir de maneira positiva na vida dessas crianças.

Ainda com relação as observações em sala, item que chamou a atenção foi com relação a cor das bolsas. As meninas a cor predominante em cada mochila era a cor rosa e dos meninos a cor azul, geralmente com temas de super heróis, como fica claro na imagem a seguir na foto 5.

Figura 05 - Bolsas das crianças



Fonte: (AUTORA)

Percebe-se o quanto a cor tem um significado e desse modo acaba por rotular meninos e meninas em seus processos de desenvolvimento, compartilhando modos de viver e dar significado ao mundo no qual está inserido.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As relações de gênero na educação infantil são de grande importância para a formação da criança que está inserida no ambiente da sala de aula com professores que tenham uma formação que contemplem essa temática, trabalhando de maneira que incluam essas crianças na perspectiva de uma educação igualitária como já tratado ao longo do texto.

É um momento pelo qual toda e qualquer criança tem o direito de experienciar e conviver com as diferenças existentes no ambiente escolar, aprendendo e respeitando cada pessoa, e a professora como mediador desse processo de construção da pessoa humana. Desenvolvendo atividades que possam abarcar as mais diversas formas de convívio, contrapondo padrões determinados pela sociedade, e que vem violando os direitos dessas crianças. É sabido que essas crianças já chegam à escola cheias de ideias construídas nas relações de gênero delegando papéis que são para homens e mulheres, sendo assim, sabemos que essa não é uma tarefa fácil para as professoras. Com vistas nisso, faz-se necessárias formações para essas professoras para que se aprimorem e possam desenvolver atividades a respeito dessa temática, proporcionando uma educação inclusiva e igualitária. Nesse sentido a instituição escolar deve oportunizar espaços para um melhor convívio dessas crianças com vistas a desenvolver momentos de aprendizado e construção de relações que promovam o bem estar de cada aluno.

De forma resumida, tendo como base os questionários aplicados em sala e as observações, foi possível verificar que as professoras compreendem a importância de ter conhecimento a respeito da temática para que desenvolvam seus trabalhos com segurança e possam proporcionar para as crianças formas de viver que sejam baseadas no respeito com o outro. Pois percebe-se em alguns momentos que as falas dessas docentes no trato com as crianças acabam por estereotipar brincadeiras, comportamentos, brinquedos nas relações estabelecidas pelas crianças.

Essas profissionais conseguem também refletir sobre sua formação, percebendo que há falhas nesse processo que vão se desenvolver no momento da docência. Por isso é necessário que professoras e professores sejam formados para o trabalho que contemple as diferenças, sempre atento em seus posicionamentos para manter uma relação que abarque a todas as diferenças.

Sendo assim, foi primordial pesquisar e estudar sobre a temática, tendo em vista que estudar sobre as relações de gênero nos permite perceber que é muito relevante na vida das crianças, dando início a sua vida escolar, permitindo experimentar as mais diversas culturas e modos de viver e se posicionar no meio social respeitando as diferenças. Percebendo também que os profissionais envolvidos em sua grande maioria precisam de uma formação que os possibilite transgredir seus modos de pensar e agir dentro da sala de aula. Com vistas nisso foi muito relevante o contato com ambiente escolar uma vez que oportuniza uma experiência única para as professoras em formação.

Posso perceber que esta pesquisa significou e possibilitou para minha pessoa um grande desafio que levo para a minha vida docente, construindo olhares e valores que jamais deixarão de existir na minha vida profissional e pessoal. É a partir dessas vivências que percebemos o quanto uma boa formação pode nos elevar como pessoas e profissionais.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos avançados** v.17, n.49, 2003.

EUGENIO, Benedito G.; BOARETTO, Giulia. No interior da sala de aula: as relações de gênero nos anos iniciais do ensino fundamental. **Interfaces Científicas – Educação**. Aracaju. v.4. n.3. jun. 2016, p. 139-150.

GIACHINI, Alessandra Cristina Bolfe.; LEÃO, Andreza Marques de Castro. Relação de gênero na educação infantil: apontamentos da literatura científica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara/SP, v. 11, n.3. 2016, p. 1409-1422. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.21723/riaee.v11.n3.9038>. E-ISSN: 1982-5587.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. p. 14-36.

MORESI, Eduardo et al. **Metodologia da pesquisa**. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2003.

OLIVEIRA, Keila de; SILVA, Ethiana Sarachin da; SALVA, Sueli. Relações de gênero e educação. **Sociais e humanas**, Santa Maria, v. 24, n. 02, jul/dez 2011, p. 101-110.

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.


RAUPP, Marilene Dandolini et al. A gestão do curso de especialização em educação infantil da UFSC. In: FLÔR, D.; Durli, Z. (org.). **Educação infantil e formação de professores**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012. p. 17- 43.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil para análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat; Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press.1989.

SOUZA, Letícia Régia Gomes. **Educação para a igualdade de gênero: desafios e perspectivas da ação docente na UEB Moranguinho**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica/CCSO, Universidade Federal do Maranhão. São Luís, p. 266. 2020.

VIANNA, Claudia; FINCO, Daniela. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos pagu**. v.33, jul./dez. 2009, p. 265-283.

APÊNDICE A – Autorização


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
 Av. dos Portugueses, 1966, - Bairro Vila Bacanga, São Luís/MA, CEP 65080-805
 Telefone: (98) 3272-8000 - <http://www.ufma.br>

Ofício nº 60/2022/CCPC/CCCO

À
 ELOIDE DA SILVA MATA
 DIRETORA DA ESCOLA MUNICIPAL GOVERNADOR EUGÊNIO BARROS
 AVENIDA SOL NASCENTE, 27 ALONSO COSTA, São José de Ribamar - MA
 CEP: 65110-000.


Assunto: **Autorização para pesquisa de campo.**
 Referência: Caso responda este Ofício, indicar expressamente o Processo nº 23115.011093/2022-20.

Prezada Diretora,


A Coordenação do Curso de Pedagogia do Centro de Ciências de Codó da Universidade Federal do Maranhão, solicita autorização para que a discente: **ISABELLA CRISTINE AMORIM CAMPOS-MATRÍCULA 2016042248** do 8º período do Curso de Pedagogia: realize visita a esta instituição a fim de executar uma pesquisa de campo como parte de um estudo para levantar informações para seu Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Relações de gênero na educação infantil: reflexões sobre a formação docente**, sob orientação da Profa. Elisângela Santos De Amorim.

Desde já agradecemos o apoio e esperamos contar com vossa colaboração.

Cordialmente,

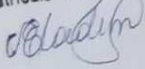


Documento assinado eletronicamente por **LUCINETE FERNANDES VILANOVA**, Coordenador(a), em 25/11/2022, às 11:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufma.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0407007** e o código CRC **A00246E0**.

Referência: Caso responda este Ofício, indicar expressamente o Processo nº 23115.011093/2022-20 SEI nº 0407007

Eloide da Silva Mota
 GESTORA - SEMED/SJR
 Matrícula 997997


Recebido em: 25/11/22

APÊNDICE B – Questionário

Questionário aplicado as professoras da educação infantil referente ao trabalho de conclusão de curso com a seguinte temática: Relações de gênero na educação infantil: reflexões sobre a formação docente.

Nome:

Série:

Tempo de docência:

Formação:

1. O que você entende por relações de gênero?

2. Existe ou existiu em sua formação Inicial ou continuada alguma disciplina que trabalhasse a temática das relações de gênero?

3. Trabalhar essa temática contribuiu de alguma forma para que você desenvolvesse uma educação igualitária na educação infantil?

4. Como você percebe sua formação Inicial diante da temática das relações de gênero?

5. Quais as dificuldades que você tem em desenvolver um trabalho que trate das relações de gênero?

6. Como você percebe a vivência das crianças no cotidiano escolar baseado nas relações de gênero?

7. De que maneira você realiza as intervenções nas relações estabelecidas entre as crianças nas brincadeiras?